



“O RESULTADO DE UM FRACASSO”:  
A FESTA ENQUANTO FESTA NARRATIVA

VITÓRIA RODRIGUES PORTO\*

O livro *A festa*, publicado por Ivan Angelo em 1976, é uma obra marcante na literatura brasileira da década. Por um lado, seu caráter experimental é bem salientado: o livro transita entre o conto e o romance, mas dialoga também com a crônica jornalística e a linguagem do cinema, mantendo ainda uma explícita preocupação com a metalinguagem, que pontua as intervenções do narrador como personagem. Podemos dizer que esse experimentalismo está baseado – em termos de técnica ou procedimento – no processo de montagem e na relevância da edição, aspectos decisivos para a elaboração do enredo, da voz narrativa, da cronologia dos eventos etc. Por outro lado, é inegável o viés crítico da obra, sendo sintoma de uma realidade instável, perversa e permeada de rompimentos com as estruturas vigentes, fruto da instauração do golpe cívico-militar em 1964. Nesse sentido, a hipótese é que, em tempos de crise, a literatura se vê forçada à reinvenção e à experimentação como resposta, como forma de invenção de uma saída possível, como a história das vanguardas também mostrou. Assim, *A festa* contém, em sua base, um funcionamento caleidoscópico, lançando mão da saturação de recursos estilísticos como uma tentativa de lidar com a ausência (de ar, de liberdade, de experiência), mas evitando a obviedade da denúncia demagógica ou panfletária, muito presente em outras obras da época. Um esmiuçamento e debruçamento analítico sobre a estrutura experimental do livro e do seu funcionamento mostra como “a festa” acontece em termos de estrutura narrativa, contendo uma espécie de “teoria da festa”: como este romance pode ser também um ensaio sobre o romance, colocando em jogo uma concepção da literatura como festa que traz implicações críticas sobre o contexto histórico.

O espaço literário d’*A festa* não é apenas um espaço linguístico ao lado de outros tipos de linguagem, mas passa a ser um cruzamento de todas as outras linguagens. Ela se refaz e se apropria esteticamente de outras linguagens: a fala da classe média, a linguagem jornalística, o discurso político, a metalinguagem literária, a reflexão do próprio fazer literário etc. Ivan Angelo, de similar modo como Oswald usava a técnica modernista-futurista (especificamente em *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924)), estabelece uma crítica de linguagem dentro e fora da série literária. Consideremos como o autor distribui sua narrativa: o subtítulo do livro é “Romance: contos”, sugerindo uma ambiguidade e indicando o trânsito entre esses dois gêneros literários. O livro é montado por fragmentos que ora podem ser lidos individualmente, como contos, ora em uma unidade narrativa com uma estreita relação, como capítulos. Temos, no total, nove fragmentos distribuídos em três blocos narrativos:

O primeiro, composto por 7 fragmentos (acompanhados no índice por um pequeno complemento e pelos seus respectivos períodos históricos que antecedem ou coexistem a década de 70 – quando acontece a festa): “Documentário (sertão e cidade, 1970)”, “Bodas de Pérola (amor nos anos 30)”, “Andréa (garota dos anos 50)”, “Corrupção (triângulo nos anos 40)”, “O Refúgio (insegurança, 1970)”, “Luta de Classes (vidinha, 1970)” e “Preocupações (angústias, 1968)”.

---

\* Graduada em Letras-Português na UFSC e pesquisadora na área de Teoria Literária. Tem algumas produções publicadas. Filha da arte e salva por ela. E-mail: vih05porto@gmail.com.

O segundo, intitulado "Antes da Festa", e que o índice desdobra em "Antes da festa (vítimas dos anos 60)", organiza-se por meio de pequenos fragmentos, antecedidos de um título-localização em negrito, acompanhado da indicação de horas e minutos. Somente os fragmentos correspondentes ao personagem-escritor não seguem esse padrão, destacando-se dos demais por estar em itálico e entre parênteses. Os fragmentos alternam-se, recuperando e configurando personagens dos contos-capítulos da primeira parte. A ordem do aparecimento dos fragmentos não obedece uma cronologia, mas apoia-se num tempo cronológico, ou seja, no horário que antecede os dois grandes segmentos que polarizam a narrativa: "os distúrbios da praça da Estação" e "a festa". A questão do tempo histórico e do tempo narrativo coloca-se como um dos aspectos centrais, aparecendo de forma extremamente elaborada em toda a narrativa.

A terceira parte, intitulada "Depois da festa", e que tem como complemento no índice "(índice dos destinos)", recupera todos os personagens, articulando-se por meio de fragmentos antecedidos do nome da personagem, de epítetos ou de expressões que as caracterizam (que podem variar entre um aparecimento e outro), e da página em que apareceram tudo em negrito.

Segundo Beth Brait, em *Ivan Angelo: vivo e voltado para a literatura* (1986), o aspecto gráfico e as divisões a que a obra está submetida podem dar uma primeira ideia dos níveis de manipulação sofridos pelo discurso ao longo dessa obra de Ivan Angelo e que constituem uma novidade para o momento, em mais de um sentido. Dentre esses sentidos, "é preciso destacar de forma especial o que diz respeito à construção dessa sedutora parafernália estrutural, arquitetada como estratégia de exposição de dramas individuais e coletivos de diferentes natureza e dimensões" (Brait, 1986, p.38-39). A cuidadosa estruturação do discurso, como a composição gráfica, a combinatória de gêneros textuais e a organização das partes composicionais da narrativa, dão à obra o tom de arranjo artesanal, comparável a uma montagem manual, similar à montagem de películas cinematográficas, em que a complexidade histórica transparece na complexidade discursiva e o caos na ordem do discurso apresenta uma grande autoconsciência e sagacidade.

Ao nos debruçarmos sobre *A festa*, vemos que o protagonista não é nem Marcionílio, nem Juliana, nem Cândido, nem Andréa, muito menos Carlos, Samuel, Roberto, Jorge, Ataíde ou *o homem bonito, meio feio*, Eduardo Santoro. Na verdade, a linguagem assume o

protagonismo, fazendo-se, na metanarrativa, cúmplice do escritor – ora da ficção, ora da vida real. Sendo ela o único recurso com qual o escritor pode lançar mão, a linguagem é trabalhada de tal forma que não apenas intermedeia a narração com os fatos num dado contexto, mas é tomada como pilar da interação social e seu desdobramento em vários níveis, contendo em si toda a potencialidade que abarca as contradições, as certezas e as (im)possibilidades constituintes do contexto na qual ela está inserida, transparecendo no plano narrativo. É na linguagem e nos seus artificios que mora a crítica, que surge na confluências dos discursos, de códigos, de linguagens. É pela originalidade da obra que se desvela o caráter político.

A composição gráfica da obra também é um elemento interessante a ser analisado, até porque é na semiótica que mora o detalhe primordial. Embora a capa seja simples, uma brochura que varia as imagens a depender da edição do livro, há um diferencial em relação às páginas: pelo menos até a ter terceira edição, o livro tinha duas cores de páginas – brancas, para o momento antes da festa, e azuis, para a parte depois da festa. Entretanto, os recursos visuais não se limitam apenas às cores, mas também estão na tipografia do livro, com os negritos, os itálicos, os espaçamentos e os arranjos no papel, por exemplo, conferindo um tom diferente à narrativa. Essa exploração do aspecto visual desempenha um papel intrínseco e complementa os outros aspectos da obra, rompendo com a uniformidade de um único estilo narrativo. Além disso, ao incorporar formas menos tradicionais de narrar, como notícias, manchetes e depoimentos policiais, *A festa* adota também os artificios dessas outras formas narrativas, criando assim uma narrativa polifônica (Brait, 1986).

A elaboração narrativa do livro, constituída pela reunião de vários tipos textuais, tipos estes de discurso que simulam o real vivido, pode ser lida como uma metáfora, ainda que o escritor enquanto narrador e enquanto personagem tente provar o contrário, fazendo um processo de desmetaforização. Metáfora, aqui, na definição mais crua do termo: enquanto uma figura de linguagem capaz de nomear o inominável – um embate vivido entre a humanidade e a (im)possibilidade de atribuir uma significação com a realidade –, de pôr em palavras o que parece inenarrável, de oferecer possibilidades de alcinhar o real e viabilizar reprimi-lo. É na narrativa, no discurso, na linguagem, que o escritor encontra uma perspectiva de expressão do vivido e do observado e é descobrindo novos modos de narrar, compondo um novo arranjo organizado no desarranjo do caos, que o escritor alcança e nomeia novos aspectos da realidade.

É por esta ótica que a obra pode ser considerada uma metáfora do contexto da ditadura civil-militar na qual está imersa. É pela caleidoscopiedade do discurso, das vozes e das estruturas narrativas que o escritor, com sua montagem caótica, reconstrói o real, produzindo uma narrativa crítica, autorreflexiva e autoconsciente.

#### REFERÊNCIAS

ANGELO, Ivan. *A festa*: romance, contos. Vertente Editora, 1976.

BRAIT, Beth. *Ivan Ângelo*: vivo voltado para a literatura. City News, 1986.